

Como recurso didático a escola conta com: 1 data show, 2 TVs e 2 DVDs. Dentro do quadro de funcionários estão: 1 Diretora, 3 Diretores adjuntos, que se revezam nos turnos da manhã, tarde e noite; 1 Coordenadora para a EJA; 3 Supervisores; 34 professores, em sua maioria concursados, na faixa etária entre 30 a 45 anos e que atuam nas disciplinas para as quais foram licenciados.

Os alunos do Raul Mousinho, são em sua maioria, integrantes de famílias de classe média baixa e classe baixa, e apesar da escola adotar o SGI – Sistema de Gestão Integrado, que incentiva a participação de pais e/ou responsáveis e a comunidade de uma forma geral no funcionamento da gestão escolar, as reuniões de pais e mestres são esporádicas e esses laços são bastante fragilizados.

Os planejamentos são realizados pela coordenadora junto aos professores quinzenalmente e a avaliação é contínua.

A escola procura manter nos seus alunos o hábito de cantar o Hino Nacional e o Hino da cidade de Guarabira sempre às segundas – feiras.



CERFM – Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho – Ano: 2012

Fonte: AMORIM, Luciane /2012.

4 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma onde realizei a observação e posteriormente a regência foi a turma do 1º ano noite da EJA – Educação para Jovens e Adultos, que é uma modalidade específica da educação básica que se propõe a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação

durante a infância e a adolescência seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis.

O EJA procura incluir estes alunos de volta à vida escolar e atualmente atende não somente àqueles que apresentam dificuldades em seu processo de ensino aprendizagem, mas também aos alunos com necessidades educacionais especiais. O homem está sempre em busca de sua identidade e anseia por integrar-se à sociedade na qual está inserido. Para esta integração, faz-se necessário que a sociedade abra espaços para que cada pessoa seja capaz de nela interagir.

A turma conta com 26 alunos matriculados sendo 11 alunos e 15 alunas em faixas etárias bem diferentes recebendo os mesmos assuntos e mesmas práticas didáticas.

Há alunos que estão na faixa etária de 30 a 40 anos que estão cumprindo as exigências mínimas apenas para obter o certificado do Ensino Médio, por alguma exigência trabalhista ou mesmo social e os alunos que tem entre 15 à 18 também pretendiam tomar posse do Certificado, por questões de trabalho, mas principalmente por uma cobrança familiar. Assim muitos destes estão na escola devido as pressões familiares.

Ainda nessa turma percebi a presença de meninas que tiveram filhos muito jovens, a partir da observação percebi que estas param temporariamente seus estudos e após darem à luz, retomam seus estudos, porém, pareceu-me claro que os motivos para a conclusão do Ensino Médio e os sonhos não são mais os mesmos de outrora, transparecendo isso em seus diálogos. Elas percebem que os melhores anos de suas vidas que deveriam ter sido dedicados aos estudos lhes foram tirados, e agora pesa sobre seus ombros uma responsabilidade para a qual não estavam preparadas.

Outro ponto que me chamou a atenção foi o caso dos alunos que trabalham durante o dia, e a noite estão bastante cansados, o reflexo disso que foi percebido em sala através de trabalhos escolares não atendidos, cochilos e até ausências do aluno.

Talvez em decorrência desses vários fatores pare nos alunos destaturma a desesperança em ingressarem na universidade. Em uma turma de 26 alunos apenas 3 declararam ter interesse em fazer um curso superior.

Quanto ao espaço físico posso dizer que a sala atende as necessidades no que diz respeito ao tamanho, iluminação e ventilação, porém, não há nada nela que atraia a atenção dos alunos já que a mesma segue um padrão ultrapassado onde constam apenas um birô, uma lousa e as carteiras posicionadas em filas.

Os alunos do EJA são de uma forma geral os maiores responsáveis pelo índice de evasão da escola e as causas dessa evasão podem estar relacionadas ao cansaço físico ao desinteresse e a própria maternidade já referido anteriormente, além de outros.

5 DAS OBSERVAÇÕES

Na primeira aula observada, o professor fez uma breve revisão oral, do último assunto que havia sido discutido em sala de aula “A civilização egípcia” e em seguida iniciou outro assunto sobre os Persas, Fenícios e Hebreus. O professor também fez um “esquema” na lousa e frisou alguns pontos como: localização, economia e política. Todavia os alunos que assistiam esta aula não viram sentido nestes conteúdos e fizeram vários comentários desprezando os assuntos: “Eu não preciso estudar isso”, “Eu não quero saber o que aconteceu em 330 a. C.”, “Isso não tem nada a ver hoje em dia” e “Eu não sei porque que agente tem que estudar isso”.

De acordo com as observações, percebi que a relação aluno professor não vai além dos conteúdos e conversas relativas a estes não havendo nenhum vínculo afetivo, e amigável entre tais atores sociais, pelo contrário o relacionamento é frio e distante.

Observei que a turma não possuía livro didático, achei este aspecto grave mesmo sabendo que não existe livro didático perfeito, todos apresentam alguma falha,mas eles norteiam alunos e professores, estes além do livro didático devem procurar enriquecer suas aulas com materiais de apoio que supram a carência do livro adotado e ao mesmo tempo se adequem melhor às discussões realizadas em sala de aula. Entendo que o fato de não ter o livro empobrece muito o processo de ensino – aprendizagem.

O material usado pelo professor da turma para elaborar seus planos de aula fora um livro que é adotado em outro estabelecimento de ensino (particular). Todavia não tive acesso a este material.

O professor realizou suas aulas de forma expositiva utilizando sempre a lousa e pedindo que os alunos copiassem as observações, uma vez que estes não possuem livro. Desta forma eles transcreveram do quadro as observações para os seus cadernos garantindo material de estudo para a realização das provas.

Ao final da aula o professor passou um trabalho sobre o assunto para ser feito em casa.

Constatei a presença de alunos desmotivados. Todavia, tal sentimento permeia a educação brasileira atingindo alunos que rejeitam a cultura escolar acham as aulas chatas, demoradas e mostram-se indisciplinados; como também tal desinteresse interpelam os professores que quase sempre são mal remunerados e sobrecarregados.

É impressionante como a educação está desacreditada e aos poucos deixa de ser ferramenta fundamental para a ascensão social e cultural. O ser humano tem em si um grande potencial e precisa dos meios adequados para que este potencial tenha efeito benéfico para si e para os outros, porém, não é isto que tem acontecido pelo menos na maioria dos casos, em que o potencial existente é despertado e desenvolvido para práticas que trazem consequências más tanto para o indivíduo como para os que o cercam. E em tempos de fastfood, onde tudo é muito rápido, a educação também precisava dar respostas rápidas, mas nesse processo acabou se tornando superficial, desinteressante e porque não dizer opressora.

6 A REGÊNCIA

Por orientação do professor regente da turma, fiz uma revisão dos assuntos já discutidos por ele, asaber: A civilização egípcia e As civilizações dos hebreus, fenícios e persas”.

Para nortear os assuntos propostos adotei o livro: “Passaporte para a História” de Renato Mocellin e Rosiane de Camargo.

Na primeira aula falei sobre a importância do Rio Nilo para a sociedade egípcia, como os alunos não tinham o livro considerei importante a elaboração de uma apostila contendo os assuntos apresentados para que eles pudessem ler o conteúdo trabalhado, e ao final de cada tema inseri perguntas com questões sugeridas no livro adotado e mais algumas que achei pertinente. Nas discussões e resolução dos exercícios pude observar a dificuldade dos alunos em produzir respostas que não estavam prontas no texto e que exigiam algum esforço mental para desenvolvê-las.

Como não foi possível utilizar o data show e TV por problemas técnicos, trabalhei basicamente com apostilas, cartazes e lousa como recurso didático. Porém as aulas propriamente ditas foram mais proveitosas, pois, consegui atrair a atenção dos alunos para participar e realizarem atividades.

É certo que práticas viciosas não mudam do dia para a noite e o alunado já está tão acostumado a estímulos como trabalhos, revisões, notas repetidas entre outros que facilitam

sua aprovação que muitas vezes não se esforçam para de fato compreenderem o mundo que os cerca e serem capazes de articular ideias que se sobressaiam ao senso comum, e que contribuam de alguma forma para o bem estar de todos.

Ainda apresentei a aula sobre a política, religião, artes do Egito antigo e por fim discuti brevemente a situação do Egito atual. Em seguida abordei o assunto dos hebreus, fenícios e persas procurando sempre contextualizar com o presente a fim de que os alunos pudessem perceber e identificar práticas que já existiam desde as antigas civilizações e isto nos âmbitos da política, economia e sociedade. Foi interessante ver que os alunos se deixavam conduzir adentrando em mundos e povos tão diferentes e ao mesmo tempo parecidos em alguns aspectos de tal forma que eles mesmos começaram a identifica-las.

Alguns contratempos que paralizaram as atividades escolares povoaram a minha regência, porém, acredito ter instigado os alunos a pensar e produzir suas próprias ideias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No meu breve estágio conclui que a prática escolar e a teoria educacional estão muito afastadas.

O problema enfrentado em sala de aula na verdade é a expressão de um conjunto de fatores ligados a questões subjetivas que perpassam professores e alunos, a micro estrutura como planejamentos, elaboração de aulas e questões macros relacionadas as políticas oficiais a exemplo da infra estrutura das escolas, dos salários dos professores, do investimento em programas de qualificação.

Outras questões ainda permeiam a escola do século XXI, como a situação de discriminação étnico racial, a questão da diversidade sexual entre outros. A escola é cada vez mais um universo plural e certamente temos limites para lidar com o outro.

A conclusão deste curso é para mim uma vitória pessoal, que me dá o direito de exercer a função de professora da disciplina de História, disciplina esta que aprendi a gostar desde tenra idade, por intermédio de professores que faziam jus a sua função e plantaram sementes regadas durante minha trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS

DVD TV escola, Ministério da Educação. **Direitos e responsabilidades.**

DVD TV escola, Ministério da Educação. **Ciclo de aprendizagem e avaliação.**

Filme Mr. Holland, adorável professor. Produzido por Robert W. Cort, Ted Field e Michael Nolin. dirigido por Stephen Herek.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória.** Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

MARIZA, Teruya, FRANÇA, Paula Franssinetti S. **Mapeando o perfil dos professores de História e das escolas públicas na Paraíba.** São Paulo, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documento de identidade: uma Introdução as teorias do currículo.** B.H.: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença a perspectiva dos Estudos Culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

www.curiosidadesdeguarabira.com.br

www.fatoafato.com.br

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO – HISTÓRIA
LUCIANE CRISTINA SOARES DE AMORIM
CERFM – CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUSINHO

PLANO DE AULA: O RIO NILO

Conteúdo: A importância do rio Nilo para a sociedade egípcia, sua fertilidade e atributos divinos.

Objetivos: Dialogar com os alunos fazendo-os perceber quão importante foi o rio Nilopara a civilização egípcia da antiguidade no fornecimento de água para uso doméstico, agricultura etc, como também identificá-lo como fonte de pesquisa para conhecermos a cultura que era vivenciada por eles.

Recursos didáticos:

- Textos;
- cartazes;
- lousa.

Avaliação:

- Exercício para verificação da aprendizagem
- Debates críticos sobre a temática trabalhada.

REFERÊNCIA: MOCELLIN Renato e CAMARGO Rosiane de. Passaporte para a História Vol I São Paulo: Ed. Do Brasil, 2007.

Qual era a importância do rio Nilo para a sociedade egípcia? Leia os textos a seguir e responda as questões abaixo:

“Salve, ó Nilo! Ó tu que surgiste sobre a terra e que vens em paz para dar vida ao Egito. Regas a terra em toda a parte, ó deus dos grãos, Senhor dos peixes, produtor do trigo e da cevada...Logo que suas águas se erguem, a terra se agita de alegria, todo ventre se regozija, tododorso é sacudido pelo riso e todo dentre tritura. Ele traz às provisões deliciosas, cria todas as boas coisas; Ó Senhor dos animais, que providencia as coisas necessárias para os sacrifícios a todos os deuses. Ele abrange dois países, e os celeiros enchem-se, os entrepostos regurgitam, os bens dos pobres se multiplicam; torna feliz cada um, conforme seu desejo...Não se esculpem pedras nem estátuas em sua honra, nem se proferem palavras misteriosas para o seu encantamento, não se conhece o lugar onde ele está. Entretanto, governas como um rei cujos decretos são estabelecidos pela terra inteira, por quem são bebidas as lágrimas de todos os olhos e que é pródigo de suas bondades.”

ISAAC, Jules. História Universal: Oriente e Grécia. São Paulo: Mestre Jou, s.d.p.38.

“A vida do Egito é o Nilo. Sem o Nilo o Egito seria apenas a continuação do deserto...O Egito é o vale do Nilo, é um traço de vegetação, de vida, de frescor, através da infinita lividez do deserto...Todos os anos o Nilo cresce, sobe, alarga-se, espalha-se,possante, sobre os torrões crestados pelo sol, deixa o seu lodo, vivifica, trabalha, alimenta, germina, fecunda e recolhe-se ao seu leito serenamente...Ao descer da água,os trabalhos começam em todo o baixo Egito. Os campos ficam cobertos de uma terra lodosa, mole e negra(...) e quando a inundação terminou, começam os campos(...) a cobrir-se de trigo, de aveia, de fava e de lentilha(...) E aquelas culturas estendem-se até o horizonte, verdes, ricas, pacíficas, claras, cintilantes de água e cobertas de sol(...)”

Eça de Queiroz. O Egito, 1869.

O primeiro texto é um antigo canto egípcio que dignifica as qualidades do rio Nilo, e o segundo é uma descrição do escritor português Eça de Queiroz, quando fez uma visita à região em 1869.

Responda:

a) Como o rio Nilo é descrito em cada texto?

b) Qual a importância do rio Nilo para a civilização egípcia da Antiguidade?
Copie uma frase do texto que justifique sua resposta.

c) Que informações são dadas sobre a agricultura em cada texto?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO – HISTÓRIA
LUCIANE CRISTINA SOARES DE AMORIM
CERFM – CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUSINHO

PLANO DE AULA: A civilização egípcia – A vida política

Conteúdo: As primeiras formas de organização política do Egito antigo, como se organizavam as Dinastias e o desenvolvimento econômico e artístico no período dos Impérios, como as pirâmides.

Objetivos: Identificar práticas vivenciadas no mundo Ocidental decorrentes do processo de desenvolvimento da política no Egito antigo.

Recursos didáticos:

- Textos;
- cartazes;
- lousa.

Avaliação:

- Exercício para verificação da aprendizagem
- Debates críticos sobre a temática trabalhada que possibilitem a verificação da assimilação.

REFERÊNCIA: MOCELLIN Renato e CAMARGO Rosianede. Passaporte para a História Vol I São Paulo: Ed. Do Brasil, 2007.

CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

2ª AULA13/10/2010

A vida política

Por volta de 5000 a. C ., a agricultura se desenvolveu e a população começou a se agrupar em aldeias. Grupos de aldeias deram origem aos nomos, as primeiras aglomerações urbanas. Os nomos eram independentes entre si, mas havia cooperação entre eles, notadamente quando se tratava de grandes obras (represas, drenagem de pântanos etc.). Cada uma dessas comunidades era chefiada por um líder, o monarca, que era, ao mesmo tempo, rei, juiz e chefe militar. Nesse período, que os egiptólogos chamam de pré- dinástico, os egípcios, criaram um sistema de escrita e um calendário solar.

O trabalho coletivo, visando aproveitar da melhor forma as águas do rio Nilo, contribuiu para a centralização política que ocorreu por volta de 3000 a. C. , quando foi fundada a primeira dinastia. A partir desse momento os soberanos do Egito passaram a ser chamados de faraós.

A unidade acabou com as contendas mortais entre os nomos e aldeias, restringiu ataques entre antigos reinos e reduziu o banditismo de saqueadores nômades, cujas atividades na área do Nilo passaram a ser policiadas por um estado centralizado. A população cresceu rapidamente e a paz interna, pela primeira vez possibilitou uma minuciosa exploração dos recursos minerais do país. O Egito entrou rapidamente na idade do cobre...”

O progresso do Egito em direção à unidade política ocorreu simultaneamente à evolução do pensamento religioso. A certeza da vida após a morte foi a responsável por construções monumentais.

Por volta de 2630 a .C ., o faraó Zoer ordenou a construção de um complexo funerário: a pirâmide em degraus localizada em Saccara. Nesse período das primeiras dinastias os faraós eram considerados semideuses. O poder faraônico não foi um conceito estático, ele cresceu até tornar o rei um deus manifesto.

Durante o período denominado Antigo Império (3200 – 2000 a . C .), o Egito viveu a sua idade de ouro: estabilidade política, florescimento das artes, desenvolvimento do comércio, e a linguagem escrita (os hieróglifos) passou a ser largamente usada pela elite. Nesse tempo foram construídas as grandes pirâmides da planície de Gizé: Quéops, Quéfren e Miquerinos.

A pirâmide de Quéops tem 146 metros de altura. Para construí-la foram usados cerca de 2 milhões de blocos de pedra. Alguns dos quais pesavam mais de 15 toneladas. Essa obra monumental foi construída em apenas 23 anos. Mas quem teriam sido os construtores? Milhares de camponeses que trabalhavam na obra no período das cheias, quando a inundação dos campos impedia seu cultivo.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO – HISTÓRIA
LUCIANE CRISTINA SOARES DE AMORIM
CERFM – CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUSINHO

PLANO DE AULA: Civilização egípcia – Religião, Artes e Egito atual.

Conteúdo: A mitologia egípcia, acultura religiosa, suas divindades e crenças do Egito antigo, a expressão artística e a modernização do Egito atual.

Objetivos: Ressaltar práticas religiosas no cotidiano egípcio, sua importância e influência organizacional do País, a expressão artística dessas práticas através de monumentos, lendas, mitos etc, onde existe forte influência de uma sociedade politeísta.

Recursos didáticos:

- Textos;
- cartazes;
- lousa.

Avaliação:

- Exercício para verificação da aprendizagem
- Debates críticos sobre a temática trabalhada, identificando práticas assimiladas e vivenciadas na nossa sociedade.

REFERÊNCIA: MOCELLIN Renato e CAMARGO Rosiane de. Passaporte para a História Vol I São Paulo: Ed. Do Brasil, 2007.

CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

3ª AULA20/10/2010

A religião

Qual era a importância da religião para a sociedade egípcia?

A religião desempenhou um papel fundamental na história egípcia, fornecendo as bases para a organização geral do país.

Humildemente participando dos atos religiosos, obedecendo às proibições fixadas e tendo a certeza da vida após a morte, os egípcios eram, segundo o historiador grego Heródoto, “os mais escrupulosamente religiosos de todos os homens”.

Politéístas, eles acreditavam em um grande número de deuses, dos quais Osíris, Ísis e Amom – Rá foram os mais importantes.

Costumavam representar algumas divindades com corpos de homens e cabeças de animais (leão, crocodilo, chacal, falcão etc.) ou vice – versa.

Os egípcios dispunham de vários mitos para explicar a criação do mundo.

Dentro dessa explicação da criação do mundo, mais tarde Seth, enciumado pelas boas criações de Osíris, matou seu irmão. O corpo destroçado foi espalhado por vários lugares. Ísis – irmã e esposa de Osíris – encontrou os pedaços e reconstituiu o corpo do marido, que foi embalsamado. Mesmo morto, Osíris engravidou Ísis, que deu à luz Hórus. Osíris, portanto, simboliza a ressurreição da vida. Os egípcios acreditavam na imortalidade. Por isso, após a morte, a alma seria conduzida para o tribunal de Osíris, formado por 42 deuses. Anúbis era o deus encarregado de pesar os corações dos réus. Se absolvida, a alma poderia voltar ao corpo, daí a necessidade de embalsamar o corpo do morto para mantê-lo conservado. Para ajudar as almas, eram depositadas nos túmulos cópias do *Livro dos Mortos* (conjunto de textos onde o morto expunha suas qualidades e pedia sua absolvição ao deus Osíris).

Segundo os egípcios, a alma sobreviveria enquanto o corpo não fosse destruído. Pensando assim, os egípcios desenvolveram uma técnica complexa de embalsamar os corpos: a mumificação, o que também justifica a construção

de túmulos duradouros. A técnica desenvolvida para a mumificação mostrou-se muito eficaz, já que as múmias encontradas até hoje permanecem em bom estado de conservação.

Os egípcios possuíam uma consciência moral e ética elevada, pois o defunto diante do tribunal de Osíris declara: “Não matei. Não cometi injustiças. Não fiz chorar. Não fiz sofrer. Não explorei os pobres. Não blasfemei contra os deuses. Não fiz o mal. Não maltratei os animais etc.”

Ainda nos nossos dias a atmosfera de mistérios e a grandiosidade dos monumentos egípcios atraem muitos visitantes, estudiosos e curiosos, além de saqueadores, em busca de possíveis tesouros escondidos junto dos mortos.

Asartes

Na arquitetura, a civilização egípcia se destaca por suas obras colossais, especialmente os templos e as pirâmides. Estas, construídas para servir de túmulo aos faraós, fascinam-nos pelo seu tamanho e antiguidade. É importante citar também as mastabas, que eram construções de tijolos ou pedra, de base retangular e teto plano. Destinavam-se a servir de túmulo para os altos funcionários e se localizavam nas imediações das grandes pirâmides.

Os hipogeus eram túmulos cavados na rocha, a maioria localizada próximo à cidade de Tebas, à margem esquerda do rio Nilo. O mais notável achado desse tipo foi o do faraó Tutancâmon, descoberto em 1922. O admirável estado de conservação e a riqueza das peças ali encontradas impressionam a todos.

Os egípcios construíram também templos magníficos, como os de Luxor e Carnac. Ramsés II usou as construções como instrumento de propaganda. Em muitos monumentos mandou raspar os nomes dos verdadeiros construtores para colocar o seu.

Em relação à escultura, observamos o convencionalismo e a rigidez. As estátuas egípcias apresentam posição ereta e de frente, apoiando-se nos dois pés.

Os egípcios acreditavam que as esculturas deveriam revelar as características de quem estava sendo retratado (fisionomia, traços étnicos e também sua condição social).

O Egito atual

A República Árabe do Egito está localizada no nordeste do continente africano. Faz fronteira com o Sudão ao sul, com a Líbia a oeste, com o mar Mediterrâneo ao norte e tem o mar Vermelho e Israel a leste. O índice de chuvas na região é bastante reduzido, fazendo com que a maioria da população se concentre às margens do rio Nilo. Esse rio representa um trigésimo da superfície do país; o restante do território é formado por desertos com alguns oásis.

Cairo é a capital, maior cidade árabe e também a maior da África. É tão povoada que as pessoas moram em prédios cuja construção ainda nem está terminada. A maioria dos egípcios descende dos antigos moradores da região, ou seja, dos antigos egípcios e dos invasores árabes do século VII, que se espalharam por uma área que hoje é conhecida por Arábia Saudita. Além de ter a maior população do mundo, o Egito também é a liderança política, e a cidade do Cairo, um centro de cultura e de aprendizado muçulmano. Grande parte dos egípcios, cerca de 80% da população, é muçulmana.

As enchentes do Nilo (que ocorrem entre junho e novembro), condicionaram, durante muito tempo, a sobrevivência do país. Hoje, graças à construção de barragens, a irrigação é permanente, o que propicia o desenvolvimento de culturas comerciais, como a de cana – de – açúcar e, sobretudo, de algodão, além das tradicionais culturas de cereais, como trigo, milho e arroz.

O Egito é visitado anualmente por um grande número de turistas, pessoas atraídas e fascinadas por seu patrimônio histórico, sobretudo pelas pirâmides.

ALGUMAS IMAGENS:



Pirâmides de Quéops 146 m, Quéfren 136 m

eMiquerinos 66 m



Ramsés II



Rio Nilo – Egito atual



Mulheres, música e dança.



O Egito atual REFERÊNCIA: MOCELLIN

Renato e CAMARGO Rosiane de. Passaporte para a História Vol I São Paulo: Ed. Do Brasil, 2007.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO – HISTÓRIA
LUCIANE CRISTINA SOARES DE AMORIM
CERFM – CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUSINHO

PLANO DE AULA: As civilizações dos hebreus, fenícios e persas.

Conteúdo: Aspectos econômicos, sociais, culturais, religiosos, artísticos e políticos das civilizações dos hebreus, fenícios e persas.

Objetivos: Perceber semelhanças de práticas tão presentes nos nossos dias, mas que nos remetem às civilizações antigas, mostrando-nos a importância que tiveram na construção do mundo ocidental.

Recursos didáticos:

- Textos;
- cartazes;
- lousa.

Avaliação:

- Exercício para verificação da aprendizagem
- Debates críticos sobre a temática trabalhada a fim de desenvolver a capacidade de formular ideias com base nas informações recebidas.

REFERÊNCIA: MOCELLIN Renato e CAMARGO Rosianede. Passaporte para a História Vol I São Paulo: Ed. Do Brasil, 2007.

AS CIVILIZAÇÕES DOS HEBREUS, FENÍCIOS E PERSAS

03/11/2010

VIDA ECONÔMICA E SOCIAL DOS HEBREUS

O território palestino, situado em uma estreita faixa de terra a sudoeste da Fenícia, é irrigado pelo rio Jordão. Tem um clima rude e os solos pouco férteis. Localizada em uma posição geográfica importante (entre a Mesopotâmia e o Egito), a Palestina dispunha de poucas defesas naturais, motivo pelo qual foi conquistada por diversos povos ao longo da História.

Os hebreus segundo a Bíblia, são originários da Mesopotâmia. Eram povos que se dedicavam, ao pastoreio e estavam organizados em clãs, ou seja, unidades familiares formadas por indivíduos ligados a um ancestral comum.

Inicialmente, os hebreus se dedicavam à pecuária e eram nômades. Mais tarde, adotaram a agricultura. Nos primeiros tempos, a propriedade da terra era coletiva.

Com a formação da propriedade privada, as terras comunitárias foram transferidas para as mãos dos chefes das famílias patriarcais; os camponeses passaram a pagar pesados impostos e os que não podiam pagar eram feitos escravos.

Ao mesmo tempo que se desenvolvia o comércio e uns poucos enriqueciam, as injustiças sociais se tornavam enormes. Em Israel, o enriquecimento de poucos e o empobrecimento de muitos fez com que ocorressem explosões sociais e religiosas.

Os profetas, defensores dos oprimidos, foram os porta-vozes das aspirações e sonhos de justiça dos deserdados.

Isaías fez críticas rigorosas à sociedade da época. Condenou o luxo, a sede de prazeres, a cobiça, a ânsia em obter riqueza e o desejo das glórias terrenas. Mostrou que os pobres, as viúvas e os órfãos eram vítimas da mais sórdida exploração. Que os pequenos proprietários eram despojados de seus bens

pelos mais ricos. O profeta, porém, advertia que a desgraça cairia sobre os idólatras e exploradores.

A CULTURA HEBRAICA

A religião hebraica apresenta dois traços característicos: o monoteísmo e a idéia messiânica, ou seja, a crença em um único Deus e na vinda de um messias, um salvador que concretizaria as aspirações de salvação e redenção de todos.

Quanto à idéia messiânica, ela foi muito divulgada pelos profetas. Para os cristãos, o messias foi Jesus; aos que não aderiram ao cristianismo, o messias ainda estaria por vir. A importância da religião hebraica é muito grande pois nela encontramos os fundamentos de três grandes religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Assim como entre os povos da antiguidade, as artes entre os hebreus tiveram um forte conteúdo religioso. Eles construíram templos, palácios e fortalezas. Ex.,(templo construído por Salomão).

OS FENÍCIOS

Os fenícios habitavam uma pequena faixa de terra situada na costa oriental do Mar Mediterrâneo, junto dos montes do Líbano sua designação “fenícios”, adotada pelos historiadores é grega – *phoinikes* (a gente que vem da terra da púrpura ou, simplesmente, os vermelhos), porém os fenícios se autodenominavam cananeus.

Isolados pelas montanhas, eles edificaram suas cidades no litoral, pois o mar era praticamente a única via de comunicação. Tais características geográficas se incluem entre as razões pelas quais os fenícios jamais se unificaram em um grande império, permanecendo divididos em diversas cidades-estados.

Os fenícios se dedicaram, com sucesso, ao comércio marítimo e à produção de manufaturas (objetos de vidro, ferro, tecidos etc.). Tendo bons portos, os hábeis navegadores fenícios iam buscar em terras distantes matérias primas, que transformavam e depois reexportavam.

Os fenícios produziam armas de bronze e de ferro, tecidos, vasos de cerâmica e de vidro. (vidro transparente, tornou-se um artigo largamente consumido)

Apesar do avanço em alguns campos, em todas as cidades fenícias existiam grandes desigualdades sociais. No topo da pirâmide social estavam o rei, os ricos comerciantes e os proprietários territoriais. O clero fazia parte do grupo social dominante e muitas vezes teve influência decisiva sobre a vida política. A maior parte da população das cidades era construída por trabalhadores e escravos. No campo, a população rural era bastante explorada. A terra era propriedade da coroa, dos templos ou das famílias poderosas. As cidades fenícias constituíam reinos independentes, nos quais o poder do monarca era limitado por um conselho de comerciantes; entretanto, às vezes o monarca tinha poderes absolutos.

A CULTURA

Cada cidade fenícia cultuava os seus deuses *baal* (senhor) e *baalat* (senhora). Acreditavam na vida além-túmulo e, por influência dos egípcios passaram a mumificar os cadáveres das pessoas mais importantes.

O principal legado fenício foi o alfabeto, originando os alfabetos grego e latino, já nas artes plásticas, demonstraram uma grande falta de originalidade, pois seus templos, palácios, estátuas e sarcófagos são modestas imitações de modelos estrangeiros, notadamente egípcios.

OS PERSAS

A antiga Pérsia corresponde mais ou menos ao atual Irã. Região situada entre a Mesopotâmia e o rio Indo, é um grande planalto, entremeado por depressões e montanhas. O clima é seco com temperaturas extremas, ora quentes, ora frias.

Os persas se dedicaram quase somente à agricultura. Desprezavam o comércio, que por isso era praticado por estrangeiros, notadamente por fenícios e judeus.

No alto da escala social estava o rei. Logo abaixo, a alta nobreza, que possuía grandes domínios e muitos privilégios. Abaixo estavam os altos funcionários que controlavam a máquina administrativa. Na área rural, agricultores livres e escravos cultivavam as terras.

A CULTURA

Os antigos persas inicialmente eram politeístas, adorando as forças da natureza, como o sol, por eles chamado de Mitra. Mais tarde passaram a ser monoteístas.

As artes persas eram destituídas de qualquer originalidade. Apesar de, pela força das armas, terem dominado os egípcios e mesopotâmicos, os persas acabaram assimilando a rica cultura desses povos.

RESPONDA:

1º) Comente a origem do povo hebreu, destacando sua organização social.

2º) Quais eram as atividades econômicas dos fenícios?

3º) Existem desigualdades sociais no Brasil? Quais são as semelhanças com a situação das cidades fenícias?

4º) Por que os fenícios inventaram uma escrita simplificada?

5º) No mundo atual a religião é importante? Aponte quais são os aspectos positivos e negativos das religiões.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO – HISTÓRIA
LUCIANE CRISTINA SOARES DE AMORIM
CERFM – CENTRO EDUCACIONAL RAUL DE FREITAS MOUSINHO

PLANO DE AULA: As civilizações clássicas.

Conteúdo: As civilizações clássicas, a importância de se estudar estas civilizações, a filosofia, os jogos e o papel da mulher.

Objetivos: Perceber semelhanças de práticas tão presentes nos nossos dias, cuja influência nos remete a estas civilizações que foram em parte responsáveis pela construção da sociedade que temos hoje.

Recursos didáticos:

- Textos;
- cartazes;
- lousa.

Avaliação:

- Exercício para verificação da aprendizagem
- Debates críticos sobre a temática trabalhada a fim de desenvolver a capacidade de formular ideias com base nas informações recebidas.

REFERÊNCIA: MOCELLIN Renato e CAMARGO Rosianede. Passaporte para a História Vol I São Paulo: Ed. Do Brasil, 2007.

AS CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS

Tradicionalmente, chamamos de clássicas as civilizações que se desenvolveram na Grécia e em Roma durante a Antiguidade. O vocábulo *classicu* vem do latim e quer dizer valor que foi posto à prova do tempo, tradicional, antigo.

A civilização ocidental deve muito aos gregos e romanos.

Herdamos dos gregos o racionalismo, ou seja, o agir científico do modo como manda a razão, o individualismo, colocando o homem como medida de todas as coisas, o sistema político da democracia e o gosto pela beleza, pois seus padrões estéticos predominam até os dias de hoje.

A língua grega, rica e flexível, desempenhou um papel importante na difusão do cristianismo, pois o Novo Testamento foi escrito em grego, sendo esse idioma uma espécie de língua universal dentro do Império Romano. Até hoje palavras gregas são usadas para designar conquistas e descobertas no mundo científico.

A influência da Literatura e da Filosofia dos gregos continua sendo enorme. Nas ciências, eles se destacaram na Matemática, na Física e na Astronomia, fornecendo os alicerces das Ciências Modernas.

PORQUE ESTUDAMOS A CIVILIZAÇÃO GREGA?

Você já ouviu falar de eleições? Sabe que elas são de grande importância para a construção da cidadania? O que é cidadania? As eleições são um exercício da democracia? Mas o que é democracia? Onde surgiu?

Foi na Grécia antiga que surgiu a democracia, palavra que quer dizer governo do povo.

Os jogos olímpicos, tão apreciados nos dias de hoje, são também uma contribuição grega. A maneira de conceber o mundo de forma racional, ou seja, de maneira lógica, também devemos aos gregos. Porém esse povo extraordinário não deixava de sonhar: daí os mitos. A religião e um teatro que, além de divertir, ensinava e promovia a sociabilidade.

Com relação à geografia da Grécia, podemos dividir o país dos helenos (os gregos chamavam a Grécia de Hélade e a si próprios de helenos) em três partes: Grécia Continental, Peninsular e Insular.

Na Grécia Continental nos deparamos com numerosas montanhas entremeadas por férteis planícies. O terreno acidentado dificultava as comunicação, contribuindo para que se desenvolvessem comunidades isoladas.

Na Grécia Peninsular encontramos um litoral recortadíssimo, com muitos golfos e baías, o que facilitava à navegação.

Na Grécia Insular existe um grande número de ilhas. Eusébia, Lesbos, Samos, Quios, Roders são apenas algumas delas.

Nas regiões costeiras, o clima é temperado e quente. Já nas montanhas, sobretudo no Épiro, encontram-se geleiras e ocorrem tempestades de neve.

De modo geral, o solo grego era pouco fértil e os recursos minerais, escassos.

VIVENDO NO MUNDO GREGO

Religião

A religião grega era politeísta e não dispunha de escrituras sagradas, doutrinas e credos. Entre os homens e os deuses existia a mais completa familiaridade. Eram normais as conversações entre deuses e homens, e também muito comum o mortal se queixar da divindade que não agira corretamente ou havia faltado às promessas. Na literatura grega encontramos muitos relatos de amores entre homens e deusas e deuses com mulheres terrenas. As narrativas que contam as aventuras dos deuses e dos heróis gregos são chamadas de mitos. O conjunto desses mitos forma a mitologia. Entre os principais deuses estavam: Zeus (Senhor dos deuses, defensor da justiça); Hera (esposa de Zeus); Héstia (deusa do lar); Ares (deus da guerra); Afrodite (deusa do amor) etc.

Jogos

“Para homenagear Zeus, eram promovidos os jogos Olímpicos a cada quatro anos, em Olímpia, local onde ele era especialmente venerado. Da forma

que o poderoso Zeus era o supremo rei do Olimpo, os jogos públicos a ele dedicados eram os soberanos de todos os confrontos esportivos na Grécia Antiga (...).”

As principais provas dos jogos olímpicos estabelecidos na época foram:

- Corridas;
- Lançamento de dardo e de disco;
- Lutas.

Filosofia

Os gregos entenderam por filosofia um sério esforço para compreender o mundo e os homens. Procuraram explicar o mundo de maneira racional, para isso deixando de lado as tradições místicas e religiosas.

Tales de Mileto, matemático e astrônomo, é o primeiro grande nome da filosofia grega. Para ele, a água era a origem de todas as coisas. Apesar de ser uma concepção errônea, como sabemos hoje, na deixava de ser um avanço, pois os deuses não tinham vez em suas explicações.

Outros nomes de referência obrigatória na filosofia grega: Pitágoras, Heráclito, Parmênides e Demócrito. Esses filósofos foram os primeiros pensadores racionalistas, pois suas preocupações se centravam na natureza do mundo e no sentido da vida. E acreditavam que seriam os seres humanos, por meio da razão, a explicar o funcionamento do mundo.

Sócrates, Platão e Aristóteles são os representantes do ponto máximo da filosofia grega.

As mulheres gregas

Como eram tratadas as mulheres gregas? Esse tratamento era igual em todas as cidades gregas? Qual era o papel da mulher nessa sociedade?

As mulheres atenienses não gozavam de direitos políticos. Enquanto solteiras, estavam subordinadas as pai; depois de casadas, ao marido.

As jovens atenienses viviam confinadas e se casavam cedo, por volta dos 15 anos. Quem escolhia o noivo eram os pais, de acordo com suas conveniências.

Em Atenas, desde os tempos de Solon, a prostituição era regulamentada. As prostitutas vulgares eram chamadas de *porné*, que significa “vendidas”, pois a maioria era de escravas. As cortesãs, geralmente cultas e ricas, ficaram conhecidas como *hetairas*, ou seja, companheiras. Entretanto há estudos indicando que na Grécia algumas mulheres trabalhavam fora de casa e até eram independentes. A esse respeito porém, não é possível obter informações precisas, pois a imagem da mulher era a da esposa fiel, submissa e boa dona de casa.